

RESENHA

O POEMA E OS GERMES DE TUDO

THE POEM AND THE GERMS OF ALL

EL POEMA Y LOS GÉRMENES DE TODO

ANDRÉ FIORUSSI*

A voz de Marco Aqueiva emerge insólita e exigente nestes *Germes entre dias brancos* (2016). Trata-se de seu terceiro livro de poemas, após *Neste embrulho de nós* (2005) e *O azul vs. o cinza / O cinza vs. o azul* (2012). O autor assina também o romance *Sob os próprios pelos: seres extraordinários* (2014) e a novela *Sóis, Outono, Sou?* (2009). É professor universitário de literatura, integra o coletivo Quatati de produção e difusão literária e colabora regularmente com sites e blogues de difusão literária.

Na poesia, atraem suas elipses, seu modo de domar a sintaxe da língua comum, sempre resistindo à frase prosaica, desde os livros anteriores. E sua concepção geométrica e orgânica do livro. Alguém acusará lições de João Cabral, mas não é tudo e não é justo. Sua faca nem sempre alcança ser só lâmina. Os poemas de *Germes entre dias brancos* encenam cerebrações inconscientes e meditam por imagens. São frequentemente alegóricos de si mesmos, despersonalizados, e em maioria se organizam em várias partes ou movimentos, perfazendo variações obsessivas sobre motivos autoimpostos. E no que pensam? Na linguagem, na escritura, na leitura e em si mesmos, como enuncia o poema programático de abertura:

No aço de toda
palavra há germes
condenados à latência:
nada pode ser
excluído ou concluído
que não se transforme.

Escrever só começa
quando o germe se revela.
(p. 13).

Em relação à dicção, Aqueiva contorna laboriosamente as cadências tradicionais,

* Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
E-mail: fiorussi@gmail.com

ou até qualquer repetição rítmica e métrica. Por exemplo, na série *Sobrevivendo às horas junto à estante*, uma meditação neurótica sobre as opressivas estantes que são os clássicos domésticos, as ruínas de Roma e a Biblioteca de Babel. Há ali uma forma fixa, quatro versos mais um, nos primeiros poemas da série; mas o metro flutua, enquanto o ritmo acentual muda ostensivamente. E a repetição revezada dos versos do primeiro poema nos demais garante essa variedade. O desenho dos versos na página promete regularidades, mas a onda é quebrada logo no segundo verso:

empoeirados corpos apertados
sol parado no espesso silêncio
um arrepio de calor não sendo
fogo cruza os rios do esquecimento

Frases sem fim ou acontecimento

(p. 19).

Aqueiva às vezes justapõe suas cláusulas sem qualquer amarração sintática, só semântica. Outras vezes parece que justifica ou explica a escolha, como no poema acima, que termina com uma chave de leitura: “frases sem fim ou acontecimento”. Prefere-se o primeiro caso. Mas a parcimônia do segundo é bem pensada porque rompe só de vez em quando as séries mais opacas e, no contexto do livro, exerce atração sobre todas. Qualquer dos demais sete poemas da mesma série confirma o procedimento. Por exemplo, o terceiro:

junto a livros roídos pelo sol
um fungo vaga fluvial pelo fumo
sonha que estala a carne sem erro
um arrepio de calor não sendo

Vazio move este mar sem movimento

(p. 21).

Quanto à elaboração fonética, pode-se dizer que um verso como “Um fungo vaga fluvial pelo fumo” (p. 21) é mais uma aliteração do que uma solução para introduzir o tema do “fungo”, que voltará. O “fungo fluvial” é uma imagem divertida, mas, perdoe-se a graça com a aliteração em “f”, o fumo final fica forçado. (Continuando o tema dos “ff”, há noutros poemas neologismos como “florífagos” que o reiteram e também ao famoso

“florchamejar” de Sousândrade). Em compensação, no verso final do mesmo poema, “Vazio move este mar sem movimento”, a aliteração está de fato a serviço da dicção e resulta num enunciado de corte clássico, adequado à função organizadora do verso em destaque (o “um” da estrofe de 4 + 1). E, em outra toada, chamam às vezes atenção sequências isoladas de três ou quatro versos que soam bem em conjunto, como estes de “Beiras e asas junto ao bar Montecarlo”: “Soubesse eu distinguir choro de chuva / germes de sonhos por cima de tudo / e sonhos em germes atrás de lírios” (p. 29), eficaz combinação de coisas sonoras e imagéticas, com decassílabos ligeiramente flutuantes e calculadamente variados que parecem ter encontrado o ponto exato atrás do qual os outros antes mencionados tratavam de ir.

Os versos de Aqueiva não são exatamente livres. Mostram uma tendência forte à tripartição: o número de sílabas varia livremente, mas há quase sempre três termos nucleares em cada linha, e isto acaba impondo um ritmo intelectual bastante regular, que não é acentual, mas talvez sintático. Colho exemplos de poucos poemas, mas aparecem em quase todos:

“colhendo o cercado das fomes” (p. 30)

“vistos dos fundos no pesadelo” (p. 31)

“Da luz que pisca e buzina” (p. 33)

“os dedos em frágil potência” (p. 34)

“bulício à espera dos olhos” (p. 53)

“Arrisco ouvir o chamado” (p. 53)

Veja-se nestes versos, do poema IV de “O risco da poesia”, como essa mania das três partes se mantém mesmo com a divisão em seis versos:

Surtos
de alta
tensão
descobrem
o breu
do olho
(p. 42).

Estes se configuram claramente como variação da estrutura básica do “cadáver esquisito” dos surrealistas, mas seus poemas têm uma coerência textual que anda longe da escrita automática. Não se trata de julgar suas realizações particulares, mas apenas de apontar um incômodo reconhecimento da manifestação repetida do mecanismo. Veja-se neste exemplo como, em vez de se distribuírem por versos menores, os três termos se acomodam em versos maiores (início do poema “Casulos sob seda entulho e fogo”):

Nesta noite que só se repete em mil anos
o bicho da seda se agarra aos raios da aurora [...]
(p. 45).

Parece-me que a atração exercida por seu modo de escrever poesia decorre de alguns versos admiráveis em que essa técnica é usada com novidade e proveito, mas que a repetição dela pode desnudar demasiadamente o processo e atenuar a força da expressão.

Algumas imagens são oportunas no contexto, como o “parafuso em chamas” do poema “Da metáfora ao germe”:

O que você quer?
Parafuso em chamas

O que você vê?
Prego em revolução

O que você sente?
Germe que mal se vê
sem achar sua outra forma
(p. 17).

Para o leitor a metáfora *germina*, mas para o escritor ela só *termina*, pois congela o resultado final de um processo de identificação. Os simbolistas pensaram nisso e desistiram temporariamente da metáfora – buscaram o tal do símbolo, que esperavam ser algo mais potente, vibrante e vivo do que ela. E, como escreve Aqueiva, “címbalos ainda se ouvem, e símbolos se arriscam” (p. 56). Mas a metáfora moderna, o paciente eterizado de T.S. Eliot, os cavalos derrubando pianos de Murilo Mendes, o deslizar de lanchas entre lírios de Drummond são outra coisa. Que dizer do “parafuso em chamas”?

Outras imagens suas, ao contrário, parecem-me menos oportunas justamente pelo contexto em que aparecem. Por exemplo, “empoeirados corpos apertados”, de poema já

citado acima, é um verso potencialmente bom que se enfraquece por ser alocado como expansão de “livros”: seria mais eficaz se a legibilidade de seu sentido fosse menos condicionada pelo título que o antecede, “Sobrevivendo às horas junto à estante”. O que poderia ser uma metáfora sem termo primeiro se converte em perífrase redutora de “livros na estante”.

Pensando por fim na esmerada edição, diríamos que o livro tem escolhas discutíveis, por exemplo: o primeiro poema ou poema-epígrafe é o mesmo que aparece na quarta capa, o que é uma espécie de redundância, pois um mesmo poema é destacado duas vezes (a quarta-capa poderia mostrar um fragmento forte de algum outro poema). As margens laterais são curtíssimas; os poemas das páginas ímpares parecem tentar se esconder no miolo do livro. Mas isso é o de menos, obviamente. Bonita a arte verde em meio às folhas claras, germes entre dias brancos, inclusive os retângulos verdes enchendo as páginas intermediárias. Uma vinheta minimal. Na capa imiscuem-se belamente o título e a ilustração, mas o design geral promete um gênero mais pop, quadrinhos, pouco compatível com o estilo dos poemas.

REFERÊNCIAS

AQUEIVA, M. *Germes entre dias brancos*. São Paulo: Patuá, 2016.

Submetido em 20 de novembro de 2018

Aceito em 16 de abril de 2019

Publicado em 28 de maio de 2019
